

RELAÇÕES RACIAIS E MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO: BREVES CONSIDERAÇÕES

Fernando Cruz Lopes

Secretaria de Educação do Estado de São Paulo
Brasil

Sueli Bortolin

Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Brasil

Maria Nilza da Silva

Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Brasil

RESUMO

Esta pesquisa partiu da percepção de que existem poucos trabalhos que conceituam a discussão étnico-racial na Ciência da Informação brasileira. Situação que deve ser considerada preocupante, visto que o Brasil é um país em que a realidade étnico-racial foi por muito tempo tratada como igualitária. No entanto, o negro brasileiro é subjugado e dominado pelos mais diferentes sistemas sociais, isso, desde o uso de palavras para afirmação da identidade, até pontos de ação estética em que prevaleça a beleza negra, portanto afirmar-se de origem afro é muito difícil para uma parcela da população, onde o racismo e preconceito ainda estão impregnados. O objetivo deste ensaio é relacionar o ponto de intersecção entre os estudos de mediação da informação e relações raciais na Ciência da Informação. Quanto a metodologia realizou-se uma revisão bibliográfica, a fim de perceber o que já foi discutido na Ciência da Informação acerca do negro. Para tanto, também foi necessário discutir a formação dos Estudos Culturais e de que forma esses estudos influenciaram

os pesquisadores da Ciência da Informação. Obteve-se como resultados uma baixa recuperação de trabalhos produzidos na área que abordem a temática étnico-racial. Contudo os trabalhos se encaixavam em discussões pragmáticas acerca de cultura e, portanto de mediação da informação. A construção de um corpus teórico sobre as discussões e mediação dependem de mais trabalhos que tratem da Ciência da Informação por um viés da cultura.

Palavras-Chave: Mediação da Informação; Identidade Racial; Ciência da Informação; Relações Étnico-Raciais.

RACIAL RELATIONS AND INFORMATION MEDIATION: BRIEF CONSIDERATIONS

ABSTRACT

This research stemmed from the realization that there are few studies that conceptualize ethnic-racial discussion in the Brazilian Information Science. Situation that should be considered worrisome, since Brazil is a

country where the ethnic-racial reality has long been treated as equal. However, the Brazilian black is subdued and dominated by the different social systems, that, since the use of words for affirmation of identity, to aesthetics points of action where prevaleça black beauty, but be said of african origin is very difficult to a portion of the population, where racism and prejudice is still ingrained. The overall objective of this essay is to investigate the intersection between studies of mediation information and Race Relations in Information Science. As the methodology was carried out a literature review in order to understand what has been discussed in Information Science about black. Therefore, it was also necessary to discuss the formation of cultural studies and how these studies influenced the researchers of information science. Obtained results as a low recovery work produced in the area to address the ethnic and racial themes. However the work fit in pragmatic discussions about culture and therefore mediation information. the construction of a corpus of theoretical discussions and mediation rely on more work dealing with the CI by a bias of culture.

Keywords: Information Mediation; Racial Identity; Information Science; Ethnic-Racial Relations.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é uma construção baseada na dissertação de mestrado em Ciência da Informação defendida em 2014. A referida dissertação já

apresentada anteriormente no Encontro Nacional de pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) divulgou as reflexões e resultados pertinentes, contudo sem explorar questões mais complexas relacionadas a como a área aborda esta temática. O artigo aqui apresentado pretende extrapolar as questões metodológicas da dissertação e aprofundar em searas mais teóricas.

A Ciência da Informação (CI) é uma Ciência Pós-Moderna e tem sua origem na Europa e, concomitantemente, nos Estados Unidos, onde alguns fatos também contribuíram para seu nascimento. Em sua gênese, a CI esteve por muito tempo ligada às questões de recuperação da informação e, conseqüentemente, seu foco primordial estava na Organização do Conhecimento, uma vez que a recuperação está atrelada à organização. Tais aspectos deixaram por muito tempo a CI focada de forma mais intensa nos sistemas de informação do que em seus usuários.

Uma das primeiras iniciativas de preocupação com o usuário surgiu com os estudos de referências e

posteriormente com os estudos de comunidade e, também, com os estudos de usuário. Os estudos de comunidade iniciaram com a Escola de Chicago, sendo uma forma de aliar Sociologia e Educação no espaço da biblioteca e os estudos de usuários se desenvolveram a partir de uma perspectiva funcionalista, na evolução dos serviços prestados no espaço da mesma.

A princípio, os estudos de usuários receberam o nome de estudos de comunidade ou, então, perfil de comunidade. Segundo Araújo (2009, p.1999): “Seu objetivo era o de mapear características de determinada população para planejar as informações mais adequadas a serem oferecidas com [finalidade pedagógica e social”.

Logo após surgiram os estudos de uso, que tinham como princípio fornecer respostas aos sistemas, através da medição de indicadores e da efetiva utilização e, também, do grau de satisfação do uso de fontes, serviços ou sistemas de informação por seus usuários (ARAÚJO, 2009).

Contudo, a preocupação da abordagem tradicional fundamenta-se na necessidade de aperfeiçoar os

sistemas de informação, cujo objeto circunscreve o conteúdo ou a tecnologia dessas estruturas (COSTA; SILVA; RAMALHO, 2009). Nessa perspectiva, a abordagem tradicional visa traçar padrões por meio da utilização e aplicação de alguma metodologia, em que se detecta os modelos de uso e aponta-os como norma. O foco da ótica tradicional e sua importância estão no uso de sistemas, fontes e serviços de informações, ou seja, o estudo é preso ao sistema e às suas ações.

A abordagem tradicional não se preocupa com os processos cognoscíveis do usuário, atentando-se apenas para a limitação dos sistemas, isto é, as etapas de interpretação, formulação e aprendizagem não são objeto de sua análise (FERREIRA, 1997).

Por volta da Década de 70, há a emergência de estudos que se interessam em compreender o usuário e sua capacidade de criar situações diante do processo de obtenção da informação. Tais estudos abrangem também as estratégias mentais do indivíduo. Sendo assim, inaugura-se a abordagem alternativa à luz do paradigma cognitivo (COSTA; SILVA;

RAMALHO, 2009).

No campo dos estudos de usuários a pesquisa denominada tradicional encara a necessidade de informação como um “[...] estado de necessidade de algo que o pesquisador chama de informação focada no que o sistema possui e não no que o usuário precisa” (MIRANDA, 2006, p.100).

Para Miranda (2006) a abordagem denominada alternativa, indica que a necessidade de informação é uma condição em que o indivíduo reconhece o seu próprio nível de conhecimento e se conhece incapaz de lhe fornecer subsídios para a resolução de problemas no trabalho ou nos estudos.

Gasque e Costa (2010) trouxeram posteriormente ao referencial cognitivista indagações de natureza sociológica que influenciaram a produção de estudos de usuários. Para ambos a informação se torna ressignificada a partir dos valores socioculturais dos indivíduos, anunciando um novo paradigma de conotação social.

As relações dos estudos de mediação da Informação com os Estudos de Usuário findam-se neste

momento, contudo não se pode deixar de perceber que tais estudos foram essenciais para a formação da mediação em CI. Essas preocupações com o indivíduo e não apenas com o sistema são fundamentais para a formação conceitual da Mediação.

Davallon (2007) afirma que a mediação, na França, se deu no início da Década de 1990, porém esse modo de pensar não pode ser considerado na realidade brasileira, pois é difícil definir esse aspecto temporal de gênese da produção científica. A mediação é um campo de estudo, em que o aspecto sociocultural é central. Esses casos na CI são raros, devido à preocupação maior da área se dar em torno da tecnologia e da recuperação da informação. Estudos culturais em CI ainda são poucos em produção.

2 DISCUSSÃO RACIAL NA CI

A Ciência é elitista e qualquer tipo de produção científica nacional é produzida em ambientes pouco representativos da sociedade brasileira, como universidades, centros de pesquisa etc. Nesse aspecto pode-se perceber a falta de alguns atores nas discussões científicas. Por

curiosidade, levantou-se o que tem sido produzido sobre identidade racial na CI brasileira. Como parâmetro de análise foram pesquisados os Anais do ENANCIB do triênio 2010-2012, a fim de se ter noção do quanto foi produzido em relação à temática.

Há em 2010 um trabalho que aborda a imprensa negra do Ceará e que foi aceito para o Grupo de Trabalho (GT) 10 - Informação e Memória. Encontrou-se outro trabalho, porém o foco dele não é a identidade racial, mas sim a arquitetura da informação em um site sobre o assunto chamado 'cor da cultura', apresentado no GT 8 - Informação e tecnologia. Ambos foram produzidos em coautoria com a Professora Miriam Albuquerque Aquino da Universidade Federal da Paraíba.

Em 2011 encontram-se dois trabalhos com essa temática, um sobre a biblioteca pública como forma de reconstrução da identidade, e um sobre preservação da memória em uma comunidade quilombola, ambos apresentados no GT 10, sendo um deles também com coautora da Professora Miriam Albuquerque Aquino.

No ENANCIB do ano de 2012

foram apresentados três trabalhos: um pôster sobre o *reggae* como agente de construção de identidade no GT-3, também orientado pela Professora Miriam Albuquerque Aquino. As outras duas comunicações orais foram apresentadas no GT-10, uma com o tema preservação do patrimônio e valorização da cultura afrodescendente em um acervo de audiovisual, produzido por uma aluna vinculada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais. A segunda comunicação tem como título "A representação de negros na memória iconográfica de universidades públicas da Paraíba", e também tem como coautora a Professora Miriam Albuquerque Aquino.

É de fato constrangedor pensar que a CI se mostra tradicional e pouco aberta aos problemas socioculturais. Existem, em três anos, apenas sete trabalhos relacionados a tais questões que em sua maciça maioria foram realizados pela ou com orientação da mesma pesquisadora. O levantamento de dados aqui apresentado é bastante simples e um tanto quanto genérico, porém, o ENANCIB, é a principal vitrine da produção científica em CI e a

baixa ocorrência de trabalhos relacionados a essa temática, refletem seu distanciamento dela.

A diferença social surgida na academia é um reflexo da formação do Brasil como nação. O Brasil é um país que tem em sua origem a relação de diversos tipos socioculturais que deram forma à base do estado nacional. No entanto, essas relações socioculturais entre europeus e outros grupos, como os africanos e indígenas, nunca existiu de forma igualitária.

A ocupação no sentido histórico está relacionada às categorizações criadas para os tipos de colonização, sendo as categorias exploração e povoamento, as mais conhecidas. O Brasil encaixa-se como uma colônia de exploração, e as colônias de exploração da Idade Moderna têm por característica servir como um modelo social dos interesses e valores da sociedade em que se baseia (NOVAIS, 1967).

Uma vez que os indígenas foram dissociados de sua cultura em nome da religião, os negros vieram para cá traficados como mão de obra. A tradição ibérica de regulamentação da escravidão foi um aspecto

fundamental para a inserção da escravidão no cenário brasileiro (HASENBALG, 1979).

Resumidamente, é nesse contexto que os diversos grupos sociais existentes se organizaram em torno de possibilidades e realidades diferentes, como a cor, a classe, o sexo e o gênero. É perceptível que com a abolição

[...] o racismo, a discriminação, e a segregação geográfica dos grupos raciais bloquearam os principais canais de mobilidade social ascendente, de maneira a perpetuar graves desigualdades raciais e a concentração de negros e mulatos no extremo inferior da hierarquia social. (HASENBALG, 1979, p.233).

Mesmo após mais de 500 anos de história oficial, o país não conseguiu estabilizar as relações entre os diferentes grupos. Um dos campos em que ainda se pode perceber essa diferenciação e que é também um campo de atuação do profissional da informação, é na Educação, que, além de preservar as diferenças, também serve como mecanismo de dominação¹.

A educação formal é um direito obrigatório para as crianças brasileiras até o ciclo fundamental. Nesse ciclo acontece o letramento e o ensino da

escrita, porém o indivíduo necessita estar em constante processo de aprendizado, pois as mudanças são muitas ao longo da vida.

Para Arendt (2000) a educação hodierna é fruto do pensamento iluminista, baseada no preparo para a vida adulta e serve como um processo de passagem entre a novidade - nascimento - e o tornar-se adulto. Arendt vê nesse processo um fator preponderante para estabelecer a educação como ela é, ou seja, a educação como instrumento político, e a política como forma de educação.

Assim pode-se pensar no profissional da informação como um agente importante na construção política de temas pouco explorados nas estruturas sociais.

Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade (MUNANGA,

2005, p.15).

Contribuir para a compreensão e esclarecimento desses métodos não-formais de educação se torna útil, principalmente para identificar eventuais fatores que motivam ou minam os limites de entendimento e condicionam a captação do saber, bem como aprimoram o processo educativo que se pretenda crítico, criativo e transformador (CERRI, 2002).

3 RELAÇÕES RACIAIS E A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

O bibliotecário é um profissional da informação, que tem como objetivo a mediação da informação de forma implícita ou explícita (ALMEIDA JÚNIOR, 2009). Na biblioteca o ator social encontra várias vozes e suportes que o ajudam a construir seu aprendizado, ou seja, o aprendizado se dá através da diversidade (CASTRO FILHO; COPPOLA JUNIOR, 2012). Portanto, a mediação deve começar desde o ambiente escolar, para ajudar a diminuir as diferenças que o preconceito, o racismo e a discriminação podem criar.

Para Petit (2010, p.71) existe uma forte ligação entre as ações e o

conhecimento,

Quando se é privado de palavras para pensar sobre si mesmo, só resta o corpo para falar: seja o corpo que grita com todos os seus sintomas, seja o enfrentamento violento de um corpo com outro.

Petit (2010, p.72) aborda o posicionamento social, pois não existe uma construção psíquica, ou reconstrução psíquica.

A leitura pode ser em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos.

Pensar a mediação em um contexto geral é imprudente, se faz necessário essa diferenciação de conjunturas em que ocorre a mediação da informação.

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (FREIRE, 1987, p.77).

Tratar o indivíduo em suas particularidades é uma maneira de

agregar valor ao ato. Idades, histórias, proveniências são os fatores que diferenciam suas necessidades e assim, a ação do mediador.

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009), em sua posição como uma contadora de histórias, chama a atenção para o problema da história única. Segundo ela o contato que as pessoas normalmente têm, é com histórias e fatos distantes da própria realidade. Não é diferente no Brasil, onde as histórias que permeiam o imaginário e o simbólico da população são de origem do mais poderoso. Adichie (2009) conta que,

[...] quando comecei a escrever, por volta dos sete anos, histórias com ilustrações em giz de cera, que minha pobre mãe era obrigada a ler, eu escrevia exatamente os tipos de histórias que eu lia. Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis. Eles brincavam na neve. Comiam maçãs. E eles falavam muito sobre o tempo, em como era maravilhoso o sol ter aparecido [...], apesar do fato que eu morava na Nigéria. Eu nunca havia estado fora da Nigéria. Nós não tínhamos neve, nós comíamos mangas. E nós nunca falávamos sobre o tempo porque não era necessário.

De fato, é muito comum ver nas

escolas crianças desenhando bonecos de neve na época do natal, ou dando boas-vindas ao outono com um mural cheio de folhas vermelhas, em um país onde dificilmente as temperaturas ficam abaixo dos 10° C. A força com que o poder impregna nas relações etnicorraciais é tão forte, que é comum um desenho de uma pessoa ser pintado com o lápis cor-de-pele,

Alguma coisa entre rosa e laranja, ou salmão, ou bege, ou creme, ou tudo isso ao mesmo tempo, que seria o tom perfeito para pintar bochechas, pernas e barriga, afinal, é a cor que representa a pele das pessoas. Mas, de quais pessoas? [...] Com o cor-de-pele, sugerimos às crianças, desde cedo, qual a cor certa para a pele das pessoas. Azar o delas se não forem rosadinhas. Pelo menos, assim, já começam desde a creche a entender o seu lugar. (PIRES, 2013, p.[1]).

Obviamente o lápis cor-de-pele não é o grande vilão, mas é instrumento de preservação da imagem e poder do branco perante as outras identidades etnicorraciais. Assim, se faz importante que desde a tenra idade exista um processo de mediação em que o indivíduo não se deixe enganar pela voz do mais poderoso.

Adichie (2009) relata que

mesmo em ambientes mais esclarecidos o problema da história única se persevera. Mesmo quando ela faz uma palestra em uma Universidade estadunidense, ou seja, para uma palestra elucidada, sua história ainda é de violência e ignorância.

Recentemente, eu palestrei numa universidade onde um estudante me disse que era uma vergonha que homens nigerianos fossem agressores físicos como a personagem do pai no meu romance. Eu disse a ele que eu havia terminado de ler um romance chamado "Psicopata Americano" [...] e que era uma grande pena que jovens americanos fossem assassinos em série. [...] É óbvio que eu disse isso num leve ataque de irritação. [...] Nunca havia me ocorrido pensar que só porque eu havia lido um romance no qual uma personagem era um assassino em série, que isso era, de alguma forma, representativo de todos os americanos. E agora, isso não é porque eu sou uma pessoa melhor do que aquele estudante, mas, devido ao poder cultural e econômico da América, eu tinha muitas histórias sobre a América. Eu havia lido Tyler, Updike, Steinbeck e Gaitskill. Eu não tinha uma única história sobre a América. (ADICHIE, 2009).

Perceptivelmente o que Adichie chama de história única é discutido na Ciência como metanarrativa, também

entendido, como uma verdade absoluta, que corresponde a todos os sujeitos. Conceito que é proliferado através da ação do poder, porém que pode ser destituído com ações de informação e apropriação, feitas pela mediação da informação.

Percebe-se, também, nesse comentário de Adichie, que mesmo em campos mais específicos e com alto grau de estudo, como na Universidade, os preconceitos ainda estão arraigados e, portanto, se faz necessário a prática da mediação em espaços além da educação básica. Por ser um conceito e também uma prática, a mediação precisa ser utilizada em diferentes dispositivos.

Dessa maneira, entende-se dispositivo, como sendo, “[...] uma instância, um local social de interação e de cooperação com suas intenções, seu funcionamento material e simbólico, enfim, seus modos de interação próprios” (PIERUCCINI, 2007). Isto é, os dispositivos são além do espaço, o próprio instrumento, e o conhecimento ali disponível.

Desse modo, dispositivos de transmissão e comunicação, tais como as bibliotecas, que se utilizam de meios técnicos, linguagens e formas de interação intencionais, ao

visarem à relação entre sujeitos e realidade, não são meros suportes de informação. Os dispositivos, enfim, não apenas expressam como também definem, por meio dos discursos implícitos em sua configuração, modos de relação entre os sujeitos e o universo simbólico (documentos, registros, informações, conhecimento) que guardam (PIERUCCINI, 2007).

Contudo, a Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO) conduz seus parâmetros de educação básica para o Século XXI baseados na ideia de uma sociedade educativa, em que o sujeito precisa estar aberto às mobilidades da era da informação além de saber adquirir, recolher, selecionar, ordenar, gerir e utilizar as mesmas informações que todos os outros (MARTUCCI, 2000). Obviamente essa é uma tarefa complexa e muito distante da realidade, pois as interpretações são as mais variadas possíveis, e assim, surgem enfrentamentos ideológicos, preconceitos, racismos e discriminações.

Para Chartier (2002) a diferença entre a assimilação correta ou desastrosa da informação só é percebida por quem a apropria, e não

de imediato. Portanto, a leitura e a assimilação da informação devem obedecer a uma série de práticas que estão além da abstração intelectual. A leitura e o entendimento são compostos também pela posição do corpo, a colocação no espaço e principalmente a afinidade com o outro, além do entendimento simbólico.

O mediador, portanto, é uma peça chave na educação e no compartilhamento do conhecimento. Esse processo é fundamental para que o indivíduo que não se percebe como tal, não produza uma leitura rasa. O mediador serve como um catalisador na leitura e na busca de identidade dos indivíduos, partindo de que a informação pode ser qualquer assunto contido em um dispositivo, portanto, essa informação é imprescindível para geração de conhecimento, é um aditivo na formação social do indivíduo (MCGARRY, 1999),

O conceito de Mediação por muito tempo teve sua interpretação vinculada aos diversos exercícios e práticas que fazem parte da CI. Mediação, assim sendo, não é apenas a relação entre dois termos equivalentes, mas sim a qualidade

adicional agregada à relação que causa uma melhora significativa ao conhecimento (DAVALLON, 2007). A mediação não é apenas a ação de servir de intermediário, mas também é uma espécie de consenso, hegemonia, no acesso a informação (ALMEIDA, 2008).

Na produção de Martín-Barbero se destaca o livro *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. Nesse livro ele constrói a teoria de produção cultural vinda das massas. Reproduz uma visão gramsciana de cultura e acrescenta que a “[...] comunicação é uma dimensão *constitutiva* da cultura e, portanto, de *produção* da sociedade” (ESCOSTEGUY, 2010, p.90).

Nesse mesmo livro, Martín-Barbero provoca a discussão em torno do conceito de mediação, um conceito que não vai ter uma formatação, porém amplamente discutido pelo autor ao longo de sua produção científica. Mediação para ele são as relações entre cultura, política e comunicação. “O desafio aparece com toda a sua densidade no cruzamento [...] que inscrevem a questão cultural no interior da política e a comunicação, na cultura” (MARTÍN-BARBERO,

1997, p.299).

A apresentação da categoria *mediações*, em DMM [*Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*], dá-se mediante dois procedimentos: um de caráter conceitual e outro, ilustrativo. Através das observações conceituais, as mediações são concebidas como conexões, amálgamas que misturam elementos, formando um todo novo. São pontes que permitem alcançar um segundo estágio, sem sair totalmente do primeiro. Dessa forma, as *mediações* constituem-se em articulações entre matrizes culturais distintas, por exemplo, entre tradições e modernidade, entre rural e urbano, entre popular e massivo, também, em articulações entre temporalidades sociais diversas, isto é, entre o tempo do cotidiano e o tempo do capital, entre o tempo da vida e o tempo do relato. (ESCOSTEGUY, 2010, p.107).

Como exemplo da mediação proposta por Martín-Barbero (1993, p.34), pode-se citar como ela acontece na cultura em geral:

Nesse momento a comunicação cultural deixa de assumir a figura do intermediário entre criadores e consumidores para assumir a tarefa do mediador que atua na abolição das barreiras e das exclusões sociais e simbólicas, no deslocamento do horizonte informativo das obras para as experiências e as práticas e na

desterritorialidade das múltiplas possibilidades da produção cultural. É óbvio que a nossa proposta não é a de uma política que abandone a ação de difundir ou dar acesso às obras e, sim, a de crítica a uma política que faz da sua difusão o seu modelo e a sua forma.

Nos estudos de mediação de Martín-Barbero pode-se perceber como acontece a relação da produção e recepção. Além disso, percebe-se que a indústria, ou a comercialização não são as únicas a controlar a lógica cultural, depende também das demandas dos receptores “[...] ressemantizadas pelo discurso hegemônico” (ESCOSTEGUY, 2010, p.107).

Assim como Martín-Barbero, García Canclini é influenciado pelas ideias marxistas de cultura, portanto basicamente voltadas para a relação entre estrutura e superestrutura, contudo sem se prender apenas a relação de cultura como espaço de reprodução social. Nesse sentido, García Canclini dialoga com os conceitos de Bourdieu com Gramsci, assim constrói seu entendimento de cultura baseado em produção social e hegemonia. Na visão de García Canclini (1983, p.12),

O enfoque mais fecundo é aquele que entende a cultura como um instrumento voltado para a compreensão, reprodução e transformação do sistema social, através do qual é elaborada e construída a hegemonia de cada classe. De acordo com essa perspectiva, trataremos de ver as culturas das classes populares como resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, a elaboração específica das suas condições de vida e a interação conflituosa com seus setores hegemônicos.

Para Escosteguy (2010, p.103) a hegemonia assume um lugar de preenchimento das lacunas deixadas pela relação entre aspectos distintos de análise. Ou seja,

[...] ao aderir a uma noção de formação social que intrinsecamente implica o estabelecimento de “relações” entre instâncias diferentes – econômica, política e cultural -, que não se caracterizam por assumir um caráter de determinação, a análise passa a privilegiar o aspecto “relacional”, configurando-se uma perspectiva teórica que exige, para sua unidade conceitual, ser complementada pela concepção de hegemonia.

Para Martín-Barbero (1995a, p.52 *apud* ESCOSTEGUY, 2010, p.105) o conceito de hegemonia é um avanço nas pesquisas sobre cultura, por esse conceito é possível analisar a

relação dominador/dominado:

A hegemonia nos permite pensar a dominação como um processo entre sujeitos onde o dominador intenta não esmagar, mas seduzir o dominado, e o dominado entra no jogo porque parte dos seus próprios interesses está dita pelo discurso do dominador. E, segundo elemento que nos traz Gramsci com o conceito de hegemonia, é que essa dominação tem que ser *refeita continuamente*, tanto pelo lado do dominador como pelo do dominado.

Assim, Almeida (2008) cita uma palestra de Paulo Freire no XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação em 1982 na Paraíba, que em sua fala ele atribui a importância da biblioteca como espaço estratégico para o desempenho de emancipação cultural e política das classes populares.

A biblioteca popular, pensada antes como centro cultural e não como depósito de livros, permitiria uma ampliação e intensificação das habilidades dos leitores, assegurando-lhes a correta forma de ler o texto em relação com o contexto (FREIRE *apud* Almeida, 2008, p.9).

Nesse sentido é fundamental compreender que,

Informação e mediação se conjugam permanentemente nas dinâmicas cotidianas de consenso (hegemonia) e

conflito (contra-hegemonia), relação que toma corpo nos espaços híbridos da comunicação, a qual pode ser entendida como o *locus* privilegiado das relações intersubjetivas e da circulação dos sentidos (MARTINS, 2011, p.67).

Assim é complexo pensar em mediação da informação, como sendo um processo comunicacional e não a relacionar com sentido, portanto, não tem como pensar em mediação sem relacioná-la com cultura. Para encerrar, a conclusão de Almeida (2008, p.21), resgata muito emblematicamente as relações entre cultura e mediação:

A criação de sistemas de informação, de redes de comunicação, não pode ser apenas uma repetição da ideologia dominante ou mera fascinação tecnológica: é condição estratégica para efetiva construção e circulação do conhecimento. A necessidade de pessoas habilitadas para essa tarefa é fundamental para garantir a ampliação da comunicação e o equilíbrio da distribuição de saberes, criando, assim, sujeitos socialmente “mais competentes” (no sentido de um processo de *empowerment*, de “empoderamento”, de transmissão de poder aos sujeitos). Assim se vislumbra um desafio crucial da Sociedade da Informação: o de gerar nos indivíduos e grupos as competências

simbólicas e comunicacionais para compreensão dessa nova realidade. E é aqui que o *mediador* joga um papel estratégico e fundamental: o de intermediação cultural entre essa realidade e os sujeitos. A função mediadora dos pesquisadores e dos profissionais da informação se faz cada vez mais necessária, buscando conectar os indivíduos, as bases de conhecimento local, às demais fontes de informação e conhecimento disseminadas na sociedade.

Dessa maneira, é fundamental o papel de mediador, essa função é um processo de construção entre o sujeito e o meio, de tradução entre as mensagens e o receptor. Não uma tradução semântica apenas, mas uma tradução pragmática. A mediação na questão do negro é o fato de empoderar essa população, para poder lutar por direitos e conquistas que por muito tempo lhes foram tiradas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento da CI não é um evento único, não há como definir seu marco inicial, apenas é possível apontar o surgimento de ramificações. A CI ainda é jovem, devido as diferentes escolas ao redor do mundo

recebe muita influência. O pesquisador da CI no Brasil é um criador da ciência local, não existe a possibilidade de construção da CI brasileira, se não for do zero, se não for com as aspirações que a sociedade lhes impõe.

A CI é um campo de discussão ainda muito jovem, amparada em conceitos frágeis e recentes e, por isso, não consegue nem ao menos se definir, quiçá construir um *corpus* teórico relacionado à cultura. Não que essas considerações sejam exclusivas da CI, porém ela é aqui o núcleo analisado.

Entender a relação da CI com os estudos culturais é uma forma de buscar um novo tipo de relação das duas práticas científicas. Apesar dos estudos culturais estarem mais relacionados com as Ciências Sociais e a História, não é impossível relacioná-lo com a CI.

A CI, desde o seu surgimento se apoiou em relações com outras ciências, faz parte da pós-modernidade este tipo de relação. Porém, algumas foram mais exploradas, com outras se tornou mais complexo, até porque nem em suas próprias áreas existe um consenso, portanto, as pesquisas em CI também

não se atreveram a explorar.

Este trabalho pretendeu, ainda, ressaltar a necessidade de dialogar com a CI com as Ciências Sociais. Portanto, é necessário buscar novo aporte teórico para que se construa temáticas que se apropriem desses conceitos mais sócio-políticos, que trabalhem o comportamento humano e que entendam o ser humano como um ser social.

De certa forma analisar trabalhos que já discutiram tais assuntos é também criar uma nova fortuna crítica, valorizá-la, mesmo que sejam poucos trabalhos e que de alguma forma nenhum deles conversem entre si. Como dito anteriormente, a própria definição da área é problemática, o que torna a discussão de temas transversais ainda bastante ínfima.

Um dos maiores problemas em discutir a raça é a história do 'racismo invertido'. A utilização desse termo para dizer que está sendo construído um novo tipo de racismo é indevida. A história prova que a situação do negro no Brasil é diferente, não só dos negros, porém a discussão se atém a essa situação.

Como forma de ilustração pode-

se usar a analogia de Ifemelu² (ADICHIE, 2014), descrita em seu blog, que diz:

[...] a situação do Negro [...] é mais ou menos como se alguém ficasse preso injustamente durante muitos anos, mas aí de repente fosse solto, mas sem receber o valor da passagem de ônibus para voltar para casa. E, aliás, o expreso e o cara que o prendeu agora são automaticamente iguais.

Infelizmente as pessoas não querem perceber que existe diferença, por que isso significa perda de privilégios. A Ciência vai percebendo lentamente que o assunto é tema de discussão, é também uma maneira de mexer na ferida e provocar uma situação constrangedora de que ela foi permissiva e opressora.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo da história única**. New York: TED, 2009. Disponível em: <http://www.ted.com/talks/lang/pt/chim_amanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html>. Acesso em: 3 nov. 2016.
- ALMEIDA, M. A. de. Mediações da Cultura e da Informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.1, n.1. p.1-23, 2008. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/t>
- pbci/article/view/6/12>. Acesso em: 4 maio 2016.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=7871>>. Acesso em: 9 set. 2016.
- ARAÚJO, C. A. Á. Correntes teóricas da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.38, n.3, p.192-204, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1719/1347>>. Acesso em: 27 fev. 2016.
- ARENDT, H. A crise na educação. In: **Entre o passado e o futuro**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. p.21-53.
- CASTRO FILHO, C. M. de; COPPOLA JUNIOR, C. Biblioteca escolar e a lei 12.244/2010: caminhos para a implantação. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v.1, n.1, p.30-41, 2012. Disponível em: <<http://revistas.ffclrp.usp.br/berev>>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- CHARTIER, R. **El mundo como representación**: Historia cultural, entre práctica y representación. Barcelona: Gedisa, 2002.
- COSTA, L. F.; SILVA A. C. P.; RAMALHO, F. A. (Re)visitando os estudos de usuário entre a “tradição” e o “alternativo”. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.10, n.4, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/11278>>. Acesso em: 1 abr. 2016

CERRI, L. F. Ensino de História e Nação na Propaganda do "Milagre Econômico". **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.22, n.43, p.195-224, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000100011>. Acesso em: 14 maio 2017.

DAVALLON, J. A Mediação: comunicação em processo? **Revista Prisma.com**: Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC, n.11, jul. 2007. Disponível em: <http://prisma.cetac.up.pt/A_mediacao_a_comunicacao_em_processo.pdf>. Acesso em: 11 set. 2016.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERREIRA, S. M. S. P. **Design de biblioteca virtual centrado no usuário**: a abordagem do Sense-Making para estudo de necessidades e procedimentos de busca e uso de informação. Porto Alegre, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GASQUE, K. C. G. D.; COSTA S. M. S. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ciência da Informação**, Brasília, v.39, n.1, p.21-32, jan./abr., 2010. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1206/1355>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

HASENBALG, C. A. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio

de Janeiro: Graal, 1979.

MIRANDA, S. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v.35, n.3, p.99-114, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a10.pdf>> Acesso em: 1 jul. 2017.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. **Indústrias culturais: modernidade e identidade**. In: KUNSCH, M. M. K. (Org.). **Indústrias culturais e os desafios da integração latino-americana**. São Paulo: INTERCOM, 1993. p.21-36.

MARTINS, A. A. L. Informação e mediação: lutas pela significação do real. In: MOURA, M. A. **Cultura informacional e liderança comunitária**: concepções e práticas. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2011.

MARTUCCI, E. M. Informação para educação: os novos cenários para o ensino fundamental. **Informação e Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v.10, n.2, p.1-16, 2000. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/326/248>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

MCGARRY, K. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1999.

MUNANGA, K. Apresentação. In: _____ (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação

Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf>. Acesso em: 22 set. 2016.

NOVAIS, F. A. Colonização e sistema colonial: discussão de conceitos e perspectiva histórica. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 4., 1967, Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: USP, 1967, p.243-268.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Ed. 34, 2010.

PIERUCCINI, I. Ordem informacional dialógica: mediação como apropriação

da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 8., 2007, Salvador. **Anais Eletrônico...** Salvador, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--159.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

PIRES, Z. **Do 'cor de pele' ao 'nude'**: ou o mundo que queremos ser. Portal Geledés Instituto da Mulher Negra, 2013. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/em-debate/colunistas/19640-do-cor-de-pele-ao-nude-ou-o-mundo-que-queremos-ser>>. Acesso em: 20 out. 2016.

NOTAS

¹ Segundo Paulo Freire a opressão existe como instrumento da desigualdade social, para ele, a forma de manter o poder é dominando o mais fraco. Contudo, a liberdade não se encontra em poder do opressor, a liberdade depende apenas do oprimido (1987).

² Ifemelu é a personagem principal do livro *Americanah*, 2014, de Adichie. Como forma de divulgação do livro, a personagem que é blogueira, ganha um blog real no site da editora, da mesma forma a editora brasileira traduz o blog da personagem.

Fernando Cruz Lopes

Secretaria de Educação do Estado de São Paulo

E-mail: lopes.fred@gmail.com

Brasil

Sueli Bortolin

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

E-mail: bortolin@uel.br

Brasil

Maria Nilza da Silva

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

E-mail: mnilzap@gmail.com

Brasil